

UMA CONVERSA COM STEVEN SHAPIN

AN INTERVIEW WITH STEVEN SHAPIN

BERNARDO J. OLIVEIRA

Faculdade de Educação - UFMG

RESUMO – Nesta entrevista de Bernardo J. Oliveira com Steven Shapin, o historiador e sociólogo norte-americano fala de seu novo livro – “*Science as a Vocation: expert knowledge and personal virtue in late modernity*” – e explica sua posição frente ao relativismo, aos filósofos e a chamada guerra das ciências. Shapin afirma que não se considera um relativista no sentido de que todas as opiniões se equivalem, mas defende o relativismo metodológico como a melhor forma de se buscar compreender a história das diferentes ciências. Também registra que muitas estratégias têm sido utilizadas pelos cientistas na busca de credibilidade para seus trabalhos. Por isso, Steven Shapin julga que o historiador das ciências deve considerar como relevante todas as técnicas de persuasão, os artifícios retóricos e apelos que geram confiança. Na crítica aos filósofos, ele afirma que, sem entender como a ciência é feita, estes procuram prescrever uma posição normativa com relação à prática científica. Chama atenção para o fato da crítica à ciência estar sendo tomada como um ataque à verdade, acentuando que é difícil falar de democracia em uma sociedade em que a competência do especialista é poderosa e livre de responsabilidade.

Palavras-chave: relativismo; relativismo metodológico; estudos sociais da ciência; Steven Shapin; sociologia da ciência.

ABSTRACT – In this interview given to Bernardo J. Oliveira, American historian and sociologist Steven Shapin talks about his new book – “*Science as a Vocation: expert knowledge and personal virtue in late modernity*” – and explains his stance on relativism, philosophers and the so-called war of sciences. Shapin claims he does not consider himself as a relativist in the sense that all opinions are equivalent, but defends methodological relativism as the best way to try to understand the history of the different sciences. He also points out that many strategies have been used by scientists in the quest for credibility for their works. For that reason, Steven Shapin judges that the historian of sciences should deem as relevant every technique of persuasion, rhetorical artifices and appeals that generate confidence. In his criticism of philosophers, he claims that they try to prescribe a normative approach with respect to scientific practice, without understanding how science is done. He draws our attention to the fact that criticism of science is being regarded as an attack on truth and highlights that it is difficult to talk about democracy in a society where the competence of experts is powerful and devoid of responsibility.

Keywords: relativism; methodological relativism; social studies of science; Steven Shapin; sociology of science.

APRESENTAÇÃO

Steven Shapin é um dos mais renomados historiadores e sociólogos da ciência na atualidade. Nascido em Nova York em 1943, ele é autor de livros célebres e polêmicos, como *The Leviathan and the air-pump* (Princeton University Press, 1985), em co-autoria com Simon Shaffer, e *A social history of truth* (Chicago University Press, 1994), que recontam de uma forma inusitada a separação entre ciência e política e que se considera ter ocorrido durante o século XVII.

Controversos mas muito bem documentados, ambos os livros mostram como certas técnicas de persuasão e o código de moralidade dos aristocratas ingleses estão na base do modelo que herdamos de ciência experimental. Mais que teorias ou produtos científicos, seus estudos focalizam a emergência e a consolidação das categorias culturais que usamos ao lidar com a ciência. Como em tantos outros casos da história, o exame detalhado das práticas e dos processos culturais revela falhas nos grandes esquemas interpretativos, como por exemplo o da revolução científica.

Como você reage à acusação, que tem sido feita ao seu trabalho, de ser relativista e tratar a ciência como se ela não fosse mais verdadeira que outras formas de conhecimento?

Esse debate sobre o relativismo é longo e tem horas que parece ter virado um tipo de trauma de guerra. Não sou relativista no sentido de que todas as opiniões se equivalem. Meu relativismo é metodológico, pois acho que esta é a melhor forma de se buscar compreender a história das diferentes ciências. O exame das idéias, sem julgá-las de antemão como verdadeiras ou falsas, não é inócua nem maléfica, ele é essencial.

O fato de eu não acreditar em bruxaria, por exemplo, não significa que eu, como historiador, possa deixar de considerá-la como algo pouco sério e usar uma abordagem diferente do que aquela que usamos para analisar uma comunidade que não acredita em bruxaria. É um equívoco achar que as pessoas que acreditavam em bruxas não tinham as mesmas capacidades que nós temos ou julgar que a razão pela qual as pessoas não acreditam mais em bruxas é, simplesmente, porque não existem. Por causa desses equívocos tendemos a pensar que aquelas pessoas que acreditavam em bruxas eram supersticiosas, dogmáticas ou viviam sob coação. O relativismo metodológico implica em que todos os diferentes conhecimentos e teorias científicas devem merecer do pesquisador a mesma consideração. Só assim podemos perceber melhor as dinâmicas envolvidas na legitimação de um conhecimento.

Trata-se então de algo semelhante ao que Paul Feyrabend propunha em seu livro “Contra o método” que na busca do conhecimento científico vale tudo?

Não falo por ele, mas concordo com a avaliação de que, no contexto de busca de credibilidade de perspectivas científicas rivais, tem valido tudo. Por isso considero que todas as técnicas de persuasão, os artifícios retóricos, os apelos às paixões e poder que geram confiança devem ser vistos como relevantes para o historiador das ciências. Se for esse o sentido que “tem valido tudo” na história da ciência, eu concordo com ele. Em outros termos, eu discordo que as regras do jogo da ciência tenham sido bem captadas por quaisquer das definições que temos de método científico. Nenhuma metodologia trata das disputas por credibilidade que ocorreram no passado da ciência ou que se dão no presente. Mas se o “vale tudo” for visto como uma recomendação de como se comportar, aí minha posição é contrária. Não estou do lado daqueles que pregam o que deve ser feito.

É isso que te leva a contestar mais aos filósofos da ciência do que aos cientistas? Sua resenha do último livro de Toulmin (“Return to reason”. Harvard University Press, 2001) me pareceu extremamente severa com os filósofos, até mesmo com aqueles que tentam defender a ótica do senso comum. Você considera a perspectiva filosófica mais nociva do que a auto-representação que os cientistas fazem de suas atividades?

Não faz sentido em ser crítico da ciência. Para mim o desafio está em entendê-la. Eu sempre achei a ciência do passado e do presente tão multifacetada e complexa, tão difícil de entender... Eu reconheço ter sido duro com certos ramos da filosofia que pregam uma ciência excessivamente idealizada, que não existe na prática. Eles adotam uma posição normativa com relação à prática científica. Acho que isso não faz sentido, uma vez que não se compreendeu direito como ela é feita.

Quando examino um caso, como, por exemplo, o da bomba de ar de Robert Boyle no século XVII, meu interesse é entender o que está em jogo num experimento ou quando se fazia um experi-

mento. Não para dizer que tipo de experimento é válido ou não para a ciência. Uma grande diferença entre boa parte da filosofia da ciência e a história da ciência é que filósofos estão geralmente comprometidos com uma posição normativa. Nem todas as filosofias da ciência fazem isso, mas a grande maioria pretende, como Popper, ditar o que é a ciência autêntica, separá-la de uma pseudociência. Buscam reconstruir racionalmente as ciências como uma forma de justificar um determinado projeto.

Historiadores devem evitar o máximo possível esse tipo de reconstrução para tentar entender o que de fato ocorreu. Quanto mais penso nisso mais convencido fico de que a diferença entre a filosofia da ciência e os estudos sociais da ciência é principalmente uma divergência de objetivos. Tento ver isso de uma maneira pacífica.

Então você está também tentando pacificar a chamada guerra das ciências, em que cientistas vêm a público defender suas instituições contra a crítica de seus mitos?

Ao meu ver essa tal guerra das ciências não passa de um esporte perigoso de acadêmicos das ciências humanas e sociais. O número de cientistas que nela participam ou que dela tomam conhecimento é irrisório. Talvez eles ouçam falar através da imprensa de tais críticos relativistas ou movimentos anticientíficos. Assumir isso talvez magoe alguns de meus colegas, como Harry Collins, que gostam da idéia de ter que lidar com uma multidão de cientistas furiosos e em pé de guerra. Mas há, decerto, um aspecto muito interessante nessa polêmica. É que a crítica à ciência é tomada como um ataque à verdade.

No século XX, muitos cientistas buscaram dissociar seu empreendimento da questão da verdade ou de uma realidade última. Max Planck, Einstein, Oppenheimer – sobretudo os físicos, mas não somente eles – tentaram elaborar uma outra forma de se fazer ciência, fosse ela instrumental, operacional ou fenomenológica. O fato é que não se via isto como uma anti-ciência ou algo anti-racional. Mas eis que, no final do século XX, esse debate é visto como um ataque à ciência, como se ela fosse uma verdade religiosa. Um dos gestos característicos dos cientistas do final do século XIX era rejeitar questões metafísicas. Deixar de falar sobre realidades transcendentais ou sobre a verdade última das coisas. Tentaram adotar uma visão naturalista, em muitos casos positivista, deixando as questões metafísicas de lado, como sendo questões religiosas. Caso contrário estariam incorrendo numa religião ilegítima. Mas estamos novamente envolvidos com questões sobre o significado das coisas, sobre realidade e verdade. Ao final do século XX, (re)visitamos todas essas questões e não imagino como iremos sair dessa.

Embora a maior parte do seu trabalho seja historiográfico, você se refere mais aos sociólogos do que aos historiadores. Quais são as principais influências em seu trabalho?

Influência não é uma boa palavra. Mas na falta de termo melhor, vamos lá. É claro que leio Norbert Elias, Henri Lefebvre e Roger Chartier, mas no tipo de trabalho que faço a maior influência não vem tanto dos historiadores, mas de filósofos e cientistas sociais.

Thomas Kuhn foi marcante, assim como foram os antropólogos Evans-Pichard, Mary Douglas e, posteriormente, Clifford Geertz. Li Robert Merton desde jovem, mas discordava radicalmente daquele seu tipo de sociologia do conhecimento. De fato, eu achava bastante atrativo o programa de pesquisa baseado na indagação – que tipo de sociedade produziria que tipo de entendimento da ciência? Mas em termos macroculturais. Algumas pessoas vêem semelhanças entre meu trabalho e o de Merton, mas o que temos em comum vem de Max Weber. Muito do que venho fazendo agora remonta a Weber, mais do que a outros autores.

Através de meus colegas de Edimburgo, a influência do segundo Wittgenstein foi também bastante importante. Mas, muita coisa que estava ligada a isso, eu fui descobrindo bem mais tarde, como os pragmatistas e os autores da antropologia simbólica americana. Algumas idéias são tão amplamente compartilhadas em setores da cultura que a tentativa de identificar a influência de autores não captura esse movimento.

Após ter pesquisado tanto sobre o século XVII, você agora está se voltando para um período mais recente da história da ciência?

Estou finalizando um livro que será publicado daqui a alguns meses com o título *"Science as a Vocation: expert knowledge and personal virtue in late modernity"* [Ciência como vocação: conhecimento científico e virtude pessoal na modernidade tardia]. Nele procuro examinar o sentimento moderno que vê os cientistas como criaturas especiais, modelos de moralidade e autoridades do conhecimento. Para isso retomo o trabalho de Max Weber e a discussão da idéia de vocação do cientista. Gosto do termo vocação porque retêm os dois significados: de destinação e de ocupação, um com o sentido religioso de missão e chamado, outro com o sentido de função e profissão.

Durante o século XX houve, ao menos na América do Norte, uma transformação na significação e o sentido profissional passou a preponderar sobre o de missão. Tento mostrar essa transformação na autoridade do conhecimento, descrevendo o papel dos cientistas na indústria ao longo do último século e nos dias atuais. Quando o cientista é um padre ou universitário, e vive isolado em sua torre de marfim, é mais fácil falar na pureza da vocação, pois não é ali que se ganha dinheiro. Mas quando cientista está empregado em empresas que buscam o lucro ou quando trabalham com a produção de armamentos, onde o objetivo é o aumento de poderio, as coisas mudam de figura. Boa parte de meu livro descreve as idéias sobre a realidade e a atividade científica nessas instituições em que é difícil de sustentar a idéia de pureza ou de uma vida moral especial, diferente da que regula a vida dos outros homens.

Mas você faz essa descrição com base em que? Observações de campo? Que materiais lhe serviram de fonte?

Fiz várias entrevistas, analisei muitos relatórios de organizações de pesquisa industrial e relatórios de recrutamento de pessoal tentando entender como investidores escolhem os cientistas. Examinado também relatos de cientistas de diferentes setores descrevendo como trabalhavam, o que os levou e o que se passa quando se deslocam entre academia e indústrias.

Tentei também fazer uma espécie de história das idéias de como a moralidade científica foi sendo redefinida no século XX. Para mim, uma das questões centrais está na descrição da produção do conhecimento, no estabelecimento da autoridade dos especialistas, na compreensão das bases da confiança colocadas na ciência. Isto está obviamente ligado à indagação, corriqueira, se e até que ponto devemos confiar nos cientistas. Mas toca também na discussão atual sobre a comercialização das universidades. De onde vem as noções morais que temos de universidade, ao tratarmos dela com uma instituição que estaria sendo corrompida e, por outro lado, como e porque o mercado é visto o como corruptor? Acho fascinante explorar essas questões tentando descrever a vida institucional da produção científica.

Como você avalia a repercussão dos estudos sobre a ciência, sejam eles históricos, sociológicos, antropológicos ou filosóficos, para o conjunto da sociedade?

Seria ótimo pensar que disciplinas acadêmicas tivessem tal poder de interferir na cultura geral, mas, realistamente, acho que isso não ocorre. De qualquer forma a ciência e tecnologia são tão centrais e tão difusas em nossa cultura que seria muito bom que escolas e universidades discutissem o porquê. Acho que isso seria mais benéfico do que os esforços para elevar o nível de cultura científica. Fazer as pessoas questionarem o que significa ser um cidadão numa cultura em que as tecnologias são tão centrais.

As questões não são novas. Elas já estavam colocadas desde a metade do século XX, com a experiência da bomba atômica. Mas elas ganham novo peso com o papel da biomedicina e das questões políticas e morais que vêm surgindo daí. É difícil falar de democracia em uma sociedade em que a competência do especialista é tão poderosa e livre de responsabilidade. Acredito que o crescimento dessas áreas de estudos sobre a ciência é parte desses questionamentos gerais. Tais estudos deveriam ajudar os educadores, mas não creio que tenha havido uma contribuição efetiva. Especialmente se levarmos em conta que boa maior parte deles são escritos de maneira tão pouco compreensível para todo mundo.

Seu livro *A revolução científica* [The scientific revolution. University of Chicago Press, 1996] parece ter alcançado um público mais amplo do que o de estudiosos sobre o assunto. Em poucos anos, ele foi traduzido em 14 línguas. Além disso você tem escrito regularmente em jornais, como o London Review of Books. Você vê isso como uma forma de popularização da história da ciência?

Gosto de escrever trabalhos acadêmicos, mas por outro lado dou grande valor a habilidade de escrever de uma forma acessível ao leitor geral, sem formação na área. Não vejo isso como trabalho de divulgação ou de popularização.

O livro *A revolução científica* foi pra mim um exercício estimulante. E passei então a coordenar uma coleção da editora da Universidade de Chicago com publicações no mesmo estilo. Procuo ter em mente meus amigos inteligentes que têm outras atividades e desconhecem, por exemplo, em que época Francis Bacon viveu.

A edição portuguesa deste seu livro tem um prefácio incomum, pois, em vez de apresentar o livro ou exaltar sua leitura, ressalta uma limitação: a de ter levado em conta apenas a bibliografia disponível em inglês. O autor do prefácio advoga que alguns autores portugueses do início do século XVI, como Pedro Nunes, Garcia d'Orta e D. João de Castro, já tinham reagido explicitamente contra a autoridade dos antigos um século antes de sua descrição deste evento, e que o conhecimento desse material teria te levado a considerar mais o século XVI do que o XVII. Ainda que com um travo nacionalista, essa objeção não parece razoável?

Eu não tomei conhecimento deste prefácio da edição portuguesa, portanto meu comentário se baseia nessa sua versão. É claro que, uma vez que não aceito a noção de uma essência da revolução científica, concordaria de bom grado que o desenvolvimento de ramos do conhecimento da natureza possa ter ocorrido de diferentes maneiras em diferentes contextos. Assim, não vejo a negligência das fontes portuguesas como uma crítica à minha posição, embora ela pudesse ser crítica para um autor que acredita em tais essências.

Há alguma pressão da Universidade para se manter uma alta produção acadêmica, algo como um certo número de artigos ou livro por determinado período de tempo?

Uma vez que você é um professor sênior, a expectativa é que você compartilhe com colegas e alunos um pouco do conhecimento que lhe deu notoriedade, mas fazendo o que quiser, no tempo em que quiser. O livro que estou terminando me tomou muito tempo e ficou grande demais. Pretendo escrever uma versão mais sintética, num estilo menos acadêmico. Depois, talvez, um outro sobre a história da alimentação e da dieta, que é algo a que venho me dedicando. Eu me interesso por assuntos bastante diversos e para mim isso é essencial.

Que tipo de recomendação que você daria para quem está começando a estudar história e sociologia da ciência?

Nesse aspecto sou bastante antiquado. Eu não me vejo dentro de uma disciplina em particular, mas acho importante que os estudantes saibam que estão ligados a uma variedade de tradições, que saibam de onde elas vêm, mesmo que seja para se distanciarem delas depois.

Há uma tendência em pensar que as coisas começaram com o último autor da moda, como Latour. Acho que os franceses têm uma especial dificuldade para se verem dentro de uma linhagem de ancestrais, eles se vêem como um novo início. Como historiador valorizo a idéia de reconhecermos nossos vínculos, não como um inquilino ou como numa hagiografia, mas no sentido de que você possa vir a rejeitar. Entretanto, para isso é preciso reconhecer que os problemas ou argumentos que estamos lidando têm uma história, que não estamos reinventando rodas, que pessoas estiveram por ali antes.

Entrevista realizada em 12/2004.